



WILSON ALVES-BEZERRA

**“Vivemos a distopia e parecemos rumar aos fornos.
Para parafrasear o personagem psicanalista do livro
Vapor barato, bem menos citado que o protagonista:
é preciso insistir na linguagem”.**

Wilson Alves-Bezerra é escritor e publicou livros de literatura, crítica literária, ensino de língua espanhola e português para estrangeiros. Como tradutor de literatura hispano-americana, foi finalista do Prêmio Jabuti em 2009 na categoria tradução literária espanhol-português. Dentre os autores traduzidos, destacam-se Horacio Quiroga, Luis Gusmán e Sergio Bizzio. Também traduziu a coletânea *Os outros – narrativa argentina contemporânea* (Iluminuras, 2010), organizada por Gusmán, com textos de 27 escritores. Atualmente está trabalhando na primeira tradução brasileira dos poemas de Alfonsina Storni, a ser lançada pela Iluminuras, com o título *Eu sou uma selva de raízes vivas*.

Nosso entrevistado nasceu em São Paulo (SP), em 1977. Reside em São Carlos (SP), onde trabalha como professor no Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos. Foi Coordenador de Cultura da UFSCar e atualmente é coordenador do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura.

A entrevista a seguir é resultado do projeto de pesquisa *Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas*, um esforço de mapear a produção literária brasileira do início do século XXI a partir da perspectiva dos próprios escritores. Esses registros vão, portanto, alinhavando uma possível história da vida literária das últimas

décadas, além de servirem de importante referência aos atuais e aos futuros leitores e pesquisadores da literatura brasileira. O projeto pluri-institucional está registrado na Universidade Federal do Espírito Santo, sob a coordenação de Vitor Cei, com a participação dos professores André Tessaro Pelinser (UFRN) e Letícia Malloy (UNIFAL-MG).

Esta entrevista foi concedida a **Vitor Cei**¹ em fevereiro de 2020. As perguntas, enviadas e recebidas por e-mail, foram formuladas e respondidas a partir de um roteiro previamente estabelecido. Em pauta, a trajetória literária de Wilson, seu método de escrita, a poética do exílio, a formação de leitores, a política brasileira atual e outras questões éticas e estéticas.

¹ Professor adjunto do Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Vitor Cei – *Você publicou cinco obras literárias autorais: Histórias zoófilas e outras atrocidades (contos, EDUFSCar, Oitava Rima, 2013); Vertigens (poemas, Iluminuras, 2015); O pau do Brasil (poemas em prosa, Urutau, 2016); Vapor barato (romance, Iluminuras, 2018); Malangue Malanga (poemas em prosa plurilíngue, Vento Norte Cartonero, 2019). Sua trajetória literária teve um momento inaugural ou o caminho se fez gradualmente?*

Wilson Alves-Bezerra – Quando a gente pensa numa obra, colocar o marco inicial é sempre muito revelador. A história que você conta na pergunta é a história dos livros publicados em tempos recentes. Haveria outros jeitos de construir essa trajetória: com a minha primeira publicação independente, um livro de poemas, sob pseudônimo, publicado pela Editora Paulista, na Bienal do Livro de 1996, no estande da União Brasileira dos Escritores. Eu era um dos tantos autores independentes que ocupavam o espaço: um jovem de dezenove anos que custeava sua própria edição e que tinha dinheiro apenas para o pagamento da primeira das três parcelas. Era preciso vender algo dos 500 exemplares para poder saldar as contas. Publicar, ao mesmo tempo, era aceder a um certo novo *status*, ser mais uma das pessoas que tem o direito de ter seu nome grafado na lombada de um volume na estante. Lembro que daquela vez eu me impusera a tarefa de permanecer no estande durante as duas semanas do evento, o dia todo. Garoto teimoso que era, ficava tentando entender o que levava um escritor a ser objeto de interesse, de leituras, de entrevistas. Acompanhava a cobertura da *Folha de S. Paulo* e ia vendo os temas abordados. Um dia, para minha surpresa e algum inconformismo, estavam entrevistando um outro poeta do estande. Um outro que não eu! Era o Sinval Silveira Pinto, um

homem que se vestia de peão e que tocava berrante. Fui atrás do jornalista para perguntar a ele quais eram os critérios de pauta. Ele me disse: um escritor tem que ser um personagem, vá viver sua vida e depois você será pauta. Foi decepcionante tudo aquilo. O Sinval era uma figura simpatiquíssima, chamativa, mas não era a sua literatura o que estava em jogo para o jornal. Publiquei ainda um segundo livro, dois anos depois, pela mesma editora. Fui convidado pela Fundação Cultural de Curitiba a lançar o livro lá, tive cobertura na mídia, entrevista na televisão local. Mas tampouco me convenci com aquilo. Entendi que era preciso, isso sim, uma escrita mais madura para sustentar uma publicação e construir uma trajetória. Parei de publicar. Eis que tardei treze anos a publicar novamente, quando já não esperava o tanto que esperara com a publicação dos primeiros poemas. Eu te diria que o que inaugura a nova etapa (de 2013 para cá) é uma literatura forjada nas leituras, na experiência pessoal, uma obra que quer se sustentar nela mesma, sem a intervenção da persona do escritor. Nada como um belo fracasso inaugural e um tempo longo de silêncio e elaboração para poder começar outra vez, de outra forma e noutra posição.

Vitor – *Cada autor possui um método e estilo de trabalho próprios. Você é poeta, contista, romancista, crítico, tradutor e professor. Há um diálogo entre essas diferentes funções e formações no ato da escrita? Quais são as opções formais que norteiam seu projeto estético e como ocorrem os trânsitos que você promove entre diferentes expressões literárias e suportes?*

Wilson – Para mim, a escrita começou como escrita íntima, como o diário da infância em que eu já escrevia poemas, relatava sonhos, pensamentos, piadas. E também com as leituras as mais

heterogêneas: livros de aventuras do século 19, histórias em quadrinhos, jornais. O curioso é que a noção do gênero, por algum motivo, não era muito presente para mim. Quando chegaram os hormônios da adolescência, e a necessidade de expressão cresceu ainda mais, nos momentos-limite eu escrevia sem gênero, sem destinatário, sem título, como se me saísse pelos dedos uma massa amorfa inclassificável. A depuração do estilo veio através da leitura sistemática de alguns autores, como Horacio Quiroga, Edgar Allan Poe e Jorge Luis Borges, que me permitiam pensar, pela primeira vez, num projeto de escrita. Na medida em que fui traduzindo o Quiroga, consegui entender de fato o que era um estilo: as escolhas de palavras, as formas de contar, enfim, percebi a filigrana fundadora do texto. Então, passei a entender melhor a narrativa curta. Da tradução aprendi ainda a disciplina com o texto escrito: eu era tremendamente cuidadoso com o texto traduzido, mas meus escritos pessoais iam do computador à gaveta. Quando me dei conta de que poderia aplicar o apuro da forma não apenas a um trabalho encomendado, mas a meus próprios escritos, então a coisa começou a mudar. Na poesia, já havia passado por Pessoa, Drummond, Bandeira, Baudelaire, mas quem me forjou com força uma forma foi o Herberto Helder. Acredito firmemente que as diferentes posições em relação à escrita, que você enumera na sua pergunta, fazem de mim a multiplicidade dos macacos do filme do Kubrick diante do monolito da literatura.

Vitor – *O protagonista de Vapor barato se define como “poeta em prosa, dos que não puxam o gatilho, não acreditam em conteúdo, não acreditam no trabalho, embora trabalhem muito” (2018, 20). Em que medida essas caracterizações dizem de seu processo criativo?*

Wilson – Não é a primeira vez que respondo a uma pergunta sobre esse trecho. Era, na escrita, meu momento Hitchcock, de passar na frente da tela, brincar fugazmente de ser personagem. Acho chata, para dizer a verdade, essa definição da escritura pela via do trabalho. Algo tão visceral, tão bonito como a escrita literária ser associado a este termo: trabalho. Mas fazer o quê? A definição sim se aplica não apenas ao ofício da escrita, como também ao trabalho duro de fazer surgir, existir e circular um livro. Fazer livros no Brasil é coisa temerária: cadernos literários fechados, livrarias fechando, editoras fechando, ministérios da cultura e da educação tornados sede de seitas obscuras... Assim, mais que nunca: militância, trabalho, profissão de fé, resistência e todos esses significantes cansativos que nos deixam de cabelos brancos são muito vigentes. Um saco.

Vitor – *Histórias zoófilas e outras atrocidades é o seu primeiro livro de ficção. Os dezenove contos oscilam entre o insólito (“A mulher-cachorro”), o fantástico (“Divino”) e, na falta de palavra melhor, o hiperrealismo (“O umbigo de Anita”), para citar apenas alguns. O que eles têm em comum é a violência e a bestialidade. Como foi o processo de escrita desse livro que reúne narrativas com estilos distintos? Os contos foram escritos à parte ou desde o início você planejava um volume temático?*

Wilson – Que pergunta bonita! As *Zoófilas* são a síntese do que falei até aqui: são contos escritos ao longo de pouco mais de uma década, entre 2000 e 2011, digamos. Alguns reescritos. O livro foi fruto da decisão de que era hora de tentar publicar literatura novamente. Então, pensei no conceito geral, a zoofilia – termo polissêmico, com ressonâncias no universo da botânica, da psiquiatria, da pornografia –, e a partir dele fui constituindo uma constelação de contos

desviantes, para nomear de algum modo. Assim cheguei a uma coletânea que transita, como você bem aponta, entre diversos estilos, gêneros e formas de escrita. É uma amostra bem plural, creio. Um dos momentos bonitos desse processo foi pegar um conto, o mais antigo, e enxertar nele um novo narrador, que olhava distanciado todos aqueles acontecimentos. Talvez seja esse um dos privilégios de quem escreve literatura: poder recontar-se.

Vitor – *Malangue Malanga* (30 poemas para ler no exílio) é um livro que mistura fragmentos de diversas línguas, especialmente português, espanhol e inglês. O título foi retirado do nono poema de *Vertigens*, que mescla português e francês. Qual é a função do plurilinguismo literário em seu projeto ético-estético?

Wilson – O *Malangue Malanga* tem algo de obra que se construía secretamente. Porém, foi só no meio do caminho que me dei conta de que a escrevia. Eu já tinha alguns poemas, posteriores aos das *Vertigens*, que misturavam línguas. Eles eram escritos esparsamente e eram fruto de alguma experiência mais ou menos perturbadora com a linguagem, com a língua estrangeira. Quando percebi que isso se repetia, em viagens, em experiências de leitura, em encontros com estrangeiros, entendi que queria fazer o livro. Recorri ao poema fundador dessa série, “Malangue Malanga”, o único das *Vertigens* (2015) que recebera um título, e me vali de sua tecnologia joyciana. O subtítulo – poemas para ler no exílio – nasceu só em 2018, quando escrevi os poemas finais (o primeiro é de 2012), já sob o signo da exceção no Brasil e tematizando as hordas de pessoas que se deslocam pelo mundo, numa vivência menos eufórica da globalização. Para pensar mais pontualmente na sua questão, acredito que a

experiência da tradução, a experiência do estrangeiro tem muito a dizer sobre o modo como se organizam os sujeitos, as sociedades. Esse estar num universo em que a língua falta, em que não se sabe a língua, ou não se pode manejar todas as suas potencialidades, coloca o sujeito à margem, ou indica que sempre esteve à margem, que sempre estará. Passa-se da língua à pele, e isso é muito poderoso. É isso que tenho explorado.

Vitor – *O tema do exílio é muito marcante em sua obra. Um dos contos de Histórias zoófilas e outras atrocidades apresenta um homem que se perdeu, num exílio involuntário. Vertigens evoca um “Deus do Exílio” (2015, 67). O protagonista de Vapor barato expressa o desejo de autoexílio. Malangue Malanga inscreve o exílio desde o subtítulo. Essa poética do exílio possui relação com o entre-lugar do escritor latino-americano em tempos de patriotismo conservador?*

Wilson – Sou negro, e meus antepassados escravizados vêm de lugares insabidos do continente africano. Sou também índio e meus antepassados foram dizimados, aqui nesta terra, foram espoliados de sua morada. Sou algum rastro europeu, na língua que falo, que atravessa outra parte da cultura que me constitui. Meus pais são retirantes de Mata Grande, zona da mata de Alagoas, e deu-se a circunstância de eu nascer em São Paulo. Menino-leitor, eu já era deslocado na escola. Vivo há dezesseis anos no interior paulista, em uma cidade à qual tampouco pertenço. E há uns cinco anos num país que se tornou ainda mais refratário a muito do que sou. Desculpe a resposta tão pessoal, mas acho que a história transborda dela e ela cede espaço à reflexão: tudo o que não há em mim é sensação de pertencimento.

Vitor – *Você é tradutor de escritores latino-americanos como Horacio Quiroga e Luis Guzmán. Que concepção de tradução orienta seu trabalho? Você vê traços em comum entre a tradução e a escrita autoral?*

Wilson – Traduzi também um romance de Sergio Bizzio (*Era o céu*), que está por ser lançado pela Iluminuras, e justo escrevo estas linhas de uma residência tradutória em Wernetshausen, Suíça, onde estou trabalhando na primeira tradução brasileira da poeta suíço-argentina Alfonsina Storni, com uma bolsa financiada pela Casa dos Tradutores Looren e pela Fundação Pro Helvetia. Espero que os dois livros saiam ainda em 2020. Como disse lá em cima, traduzir é um corpo a corpo com a linguagem, com a linguagem própria e com a linguagem do outro, um duelo entre o estilo do outro e o seu, com a língua do outro e a sua. Minha referência central é Haroldo de Campos, o que ele pensa sobre o ofício nos seus textos é único. A coleção Signos, da Perspectiva, e todos os trabalhos de Haroldo e Augusto de Campos, Boris Schnaidermann, Decio Pignatari não têm preço. Isso é tecnologia de ponta.

Vitor – *O seu canal no YouTube disponibiliza vídeos em que você lê alguns de seus poemas. Como experimenta o ato de recitar? Recitar é recriar?*

Wilson – Isso eu aprendi com James Joyce: *Finnegans wake* é um livro para ser lido em voz alta. Minha literatura é uma literatura para ser dita em voz alta. Sua frase é precisa: a poesia, quando falada, como diz Mallarmé, se faz partitura. Ler é interpretar. Para mim, está tudo dito aí. Afora o fato de sermos um país e um continente de tradições ágrafas: não podemos nos esquecer de que grande parte de nossos grandes poetas – Cartola, Noel Rosa, Chico Buarque, Caetano Vello-

so, Mano Brown – são cantores. Eu, infelizmente, como não posso cantar, digo em voz alta.

Vitor – *Vertigens recebeu o Prêmio Jabuti na categoria Poesia; O pau do Brasil teve uma edição publicada em Portugal (Urutau, 2018); o público português também foi contemplado com a antologia Exílio aos olhos, exílio às línguas (Oca, 2017); seu livro de contos foi publicado no Chile com o título Cuentos de zoofilia, memoria y muerte (LOM, 2018); sua tradução de Pele e osso, de Luis Guzmán, foi finalista do Prêmio Jabuti em 2010, na categoria Melhor Tradução literária espanhol-português. Como você vê a recepção de sua obra? Em que medida os prêmios e as edições estrangeiras contribuíram para o reconhecimento do seu trabalho?*

Wilson – É bom ter livros publicados no Brasil e fora dele, é bom ser finalista ou ganhar algum prêmio, e isso ajuda a me aproximar do universo dos que leem. Me entristece o universo dos que leem ser relativamente pequeno em nosso continental país e, além disso, não haver políticas para ampliar esse universo. Quando o presidente da República diz que os livros didáticos têm muito texto, fica difícil augurar qualquer boa política nesse sentido. Eu vejo com muita preocupação, quase cegado pelo pânico, como o universo da cultura e das artes é frontalmente atacado tanto pelo desastre governamental quanto pela indiferença do mercado. É difícil falar em reconhecimento quando a gente se move em um sistema colapsado.

Vitor – *Diante do panorama da literatura e da cultura brasileira e latino-americana atuais, o que você vê? Com que autores(as) você procura dialogar? Gostaria que você comentasse sobre suas principais inquietações*

e estímulos em face da produção artística – sobretudo literária – brasileira e latino-americana contemporânea.

Wilson – Alguém da área de Letras sempre está dialogando com os mortos. Mas também gosto de estar em contato com os vivos. Há um grande número de escritores e um número enorme de poetas no Brasil. Diferentemente do que acontecia nos anos 90, quando era difícil chegar a um livro, e também era difícil fazer contato com os colegas de ofício, agora a tecnologia resolve isto: as impressões sob demanda permitem que haja no Brasil um enxame de livros. É difícil ler toda a gente, mas é estimulante saber que, para cada projeto que se faça, não se está sozinho. Desde 2016, com *O pau do Brasil*, minha poesia se voltou em cheio à política. Acredito que essa é uma grande inquietação da minha literatura e da de vários contemporâneos. A pergunta: qual é a arte que pode fazer frente aos tempos de exceção? A arte que possa mobilizar os sujeitos, tirá-los da sideração do sou-especialista-em-tudo-e-rio-grosso-e-com-empáfia-na-rede-social.

Vitor – *O Brasil tem como um dos grandes desafios a democratização do acesso à literatura e outras artes e, por consequência, a tarefa educativa de formar público. Você foi Coordenador de Cultura da Universidade Federal de São Carlos no período de 2013 a 2016 e coordenou vários projetos de extensão com esse intuito, como “Literatura no rádio”, na Rádio UFSCar; “Rede Universitária de Pontos de Cultura”, no âmbito da Política Nacional de Cultura Viva, do Ministério da Cultura; e “Quartas de bolso”, que promovia apresentações com diferentes linguagens artísticas para o público da UFSCar e das cidades de seu entorno. Como você avalia o papel das universidades e das políticas públicas na tarefa educativa de formar leitores?*

Wilson – A universidade muitas vezes falha na tarefa de se fazer um local atraente para o restante da sociedade, de se lhe abrir e ofertar seus equipamentos culturais. Mesmo assim, as universidades são um dos espaços estratégicos que, à sua maneira, podem encampar parte da tarefa de produzir e difundir diferentes formas e linguagens artísticas que possam tocar as pessoas. Certamente não é a única, nem a melhor, mas é uma das instituições às quais cabe fazer isso. Ora, mas para isso acontecer, há que se cumprir duas condições, logo de partida: a autonomia universitária precisa ser respeitada, e a universidade precisa ter recursos de seus mantenedores, no caso das federais, do governo federal. O atual estrangulamento das universidades públicas serve para, no contraste, mostrar seu potencial transformador e contestador. Espero que a educação possa se mobilizar, que possamos manter a universidade brasileira viva, inclusiva e transformadora. Se não, isso aqui vira uma autocracia fundamentalista sem perspectiva de mudança por gerações, porque tantas outras instituições – centros culturais, pontos de cultura, SESC’s – estão sendo igualmente estranguladas.

Vitor – *O protagonista de Vapor barato lamenta que “no livro de areia virtual, todos já disseram tudo, ninguém leu e os babuínos já uivam em aprovação ou protesto, com igual veemência ou convicção” (2018, 16). Mais adiante, ele observa que “O ódio está saindo da internet” (p. 49). Em outra passagem, ele descreve as redes sociais como “uma tribuna de comentários na qual não é preciso escutar ninguém. Uma ágora de autistas” (p. 78). De modo geral, como você analisa a sua participação e a de outros escritores contemporâneos em*

redes sociais, seja para divulgar a própria obra ou para engajamento político? O que mudou no campo literário após o advento da internet?

Wilson – Resisti muito a entrar na internet, a ter um perfil. Atualmente tenho meu perfil, que uso para o que tem a ver com a vida pública como escritor. Preservo minha privacidade. Tenho percebido, após uns dois anos de vida digital, que uma plataforma como o Facebook tem ajudado na conexão com gente que se interessa pelo que escrevo, na divulgação de lançamentos, na conexão com outras pessoas que escrevem. Ou seja, para fins práticos, me parece muito bom. O que me provoca sérias dúvidas e reservas é o fato de um meio tão fugaz e dispersivo ter se tornado um dos principais espaços de “debate” e “reflexão”, onde tanta gente investe sua energia e seus esforços, sem que se construa – no meu entender – um pensamento crítico. Talvez essa ligeireza de opinar de imediato, de reagir e cutucar, seja o novo modo de estar no mundo, mas eu o recuso. Me interessa a rede social como porto de passagem entre o universo virtual e o mundo físico, não como fim em si mesma.

Vitor – *O protagonista de Vapor barato, logo na primeira página do romance, revela ao psicanalista: “Hoje cuspiram em mim na rua, por causa da minha camisa vermelha. Não é mais porque sou preto, porque sou nordestino. Hoje é porque minha camisa é vermelha” (2018, 7). Mais adiante, ele afirma que, enquanto empobrecia, “ia ficando cada vez mais preto, cada vez mais comunista” (p. 12). Como o racismo e a esquerdofobia presentes na sociedade brasileira afetam a sua escrita? Como você vê a relação entre literatura e posicionamento político, ou, em sentido mais amplo, entre literatura e política? Escrever é um ato de resistência?*

Wilson – O racismo que estrutura a constituição de nosso país fica obscurecido pelo discurso da democracia racial, da tolerância. Superar o nosso Gilberto Freyre interior é uma tarefa urgente desde a primeira hora. O racismo, a miséria, estiveram sempre presentes, mas ganharam o primeiro plano, como disse antes, a partir de 2016, quando se aguçaram os discursos odiosos. Viver numa sociedade conflagrada joga os artistas para a posição combativa. *O pau do Brasil, Malangue Malanga e Vapor barato* são formas de cantar e contar esse Brasil em que vivemos. Nisso entra também o lado positivo da rede social e das revistas digitais: é possível difundir os textos também por esses meios, justo agora que os meios de comunicação tradicionais ainda se perguntam sobre seu papel e oscilam em suas posições. Além de estar numa posição combativa, quem faz arte no Brasil está sempre na marginalidade.

Vitor – “É possível adoecer de um país?”, pergunta o texto de quarta capa, não assinado, de *Vapor barato*. Logo no início do romance, o protagonista desabafa que não aguenta mais toda essa violência física e simbólica: “Ontem tive uma crise de choro com o noticiário da noite [...] Eu vou adoecendo a cada vez que saio na rua, a cada vez que abro o jornal, a cada vez que encontro um colega – que ficou ainda mais boçal do que na véspera” (2018, 8-9). Nos últimos anos, o Brasil e o mundo têm presenciado o fortalecimento de ondas reacionárias que trazem matizes autoritários, opressores, fascistas, racistas, misóginos e homofóbicos. Sua obra mostra que o escritor não pode calar diante de tal contexto. O que você imagina ou espera como desfecho do atual estágio da humanidade?

Wilson – O texto que você cita é a parte inicial das orelhas, do jornalista Miguel Conde. As edições da Iluminuras começam a orelha na

contracapa, e depois continuam no começo do livro, por isso algumas pessoas acham que é um texto não assinado. Acredito que a pergunta é uma boa síntese do que se pergunta o romance, mas também do que vivemos atualmente. O padecimento psíquico na universidade é o maior que já presenciei. A quantidade de estudantes, técnicos e docentes medicados é alarmante. O número de suicídios é crescente. A arte pode vir a ter – é o que proponho com a minha – um papel não apenas político, mas também de atuar sobre a psique. É preciso poder imaginar outros mundos, outras saídas, poder rir e ridicularizar o poder. Poder articular o discurso de outra forma. Poder delirar e desejar. Vivemos a distopia e parecemos rumar aos fornos. Para parafrasear o personagem psicanalista do livro, bem menos citado que o protagonista: é preciso insistir na linguagem.